

Assessoria de imprensa e circulação de notícias sobre doenças negligenciadas na mídia impressa: um estudo de caso brasileiro

Press office and news production on neglected diseases in the press media: a Brazilian case study

Oficina de prensa y circulación de noticias sobre enfermedades olvidadas en los medios impresos: un estudio de caso brasileño

Glauber Queiroz Tabosa Tiburtino¹
Aline Guio Cavaca²

RESUMO: Invisibilizadas em diversos aspectos, as doenças negligenciadas estão diretamente relacionadas a situações de pobreza e são perpetuadas por elas, atingindo cerca de um sexto da população mundial. Essas doenças, de caráter endêmico, são alvo de negligenciamento também pela mídia, que, de modo geral, as silencia. O objetivo deste estudo foi mensurar o grau de influência que uma assessoria de imprensa de uma instituição pública de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde pode exercer na mídia e, por consequência, perante a opinião pública a partir de sua atuação. Foi realizado um estudo de caso com base em estratégias de assessoria para divulgação da nova fase de uma vacina contra a esquistossomose e, a partir desse fato, mensurou-se o nível de alinhamento entre o *press release* elaborado pela instituição e o conteúdo jornalístico veiculado em meio impresso em todo o Brasil, buscando-se aproximações e distanciamentos entre os discursos produzidos e reproduzidos. Os resultados evidenciaram a abordagem e circulação de fatores socioeconômicos da doença em destaque perante aspectos técnico-científicos e biomédicos, normalmente privilegiados nessas narrativas jornalísticas. O estudo conclui que o uso estratégico das assessorias pode ser favorável não só às demandas institucionais, mas também às pautas sociais, e que pode haver interesses diversos nas escolhas de atores e fatores silenciados nesse processo noticioso. Além dos aspectos quantificáveis, a análise tomou como referências o conceito ampliado de saúde, a atuação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a relação dos determinantes

1 Jornalista, especialista em Comunicação e Saúde e em Comunicação Empresarial e mestrando do Programa de Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/ICICT/Fiocruz).

2 Pesquisadora da Escola Fiocruz de Governo da Fundação Oswaldo Cruz – Gerência Regional de Brasília (EFG/GEREB/Fiocruz).

sociais da saúde com as doenças negligenciadas.

Palavras-chave: Doenças Negligenciadas; Comunicação em Saúde; Meios de Comunicação de Massa; Esquistossomose.

ABSTRACT: Neglected diseases are directly related to and perpetuated by poverty, affecting about one-sixth of the world's population. Unseen in many ways, these endemic diseases are also neglected by the media, which generally silences them. The objective of the study was to measure the degree of influence that a press office of a public institution of Health Science, Technology and Innovation can exert on the media and, consequently, before the public opinion from its performance. A case study was conducted based on advisory strategies to publicize the new phase of a schistosomiasis vaccine, and, from this fact, the level of alignment between the press release prepared by the institution and the printed journalistic content published in the media throughout Brazil was measured, seeking approximations and distances between the discourses produced and reproduced. The results evidenced the approach and circulation of socioeconomic factors of the disease highlighted by technical-scientific and biomedical aspects, normally privileged in these journalistic narratives. The study concludes that the strategic use of advisory services may be favorable not only to institutional demands, but also to social guidelines, and that there may be different interests in the choice of actors and factors silenced in this news process. In addition to quantifiable aspects, the analysis took as reference the expanded concept of health, the action of the Health Unique System (SUS) and the relationship of social determinants of health with neglected diseases.

Keywords: Neglected Diseases; Health Communication; Mass Media; Schistosomiasis.

RESUMEN: Inadvertidas en muchos sentidos, las enfermedades olvidadas están directamente relacionadas y perpetuadas por la pobreza, y afectan a aproximadamente una sexta parte de la población mundial. Estas enfermedades endémicas también son ignoradas por los medios, que generalmente las silencian. El objetivo del estudio fue medir el grado de influencia que una oficina de prensa de una institución pública de Ciencia, Tecnología e Innovación en Salud puede ejercer en los medios y, en consecuencia, ante la opinión pública desde su desempeño. Se realizó un estudio de caso basado en estrategias de asesoramiento para publicitar la nueva fase de una vacuna contra la esquistosomiasis y, a partir de este hecho, se midió el nivel de alineación entre el comunicado de prensa preparado por la institución y el contenido periodístico impreso publicado en los medios en todo Brasil, buscando aproximaciones y distancias entre los discursos producidos y reproducidos. Los resultados evidenciaron el enfoque y la circulación de factores socioeconómicos de la enfermedad resaltados por aspectos técnico-científicos y biomédicos, normalmente privilegiados en estas narraciones periodísticas. El estudio concluye que el uso estratégico de los servicios de asesoramiento puede ser favorable no solo a las demandas institucionales, sino también a las pautas sociales, y que puede haber diferentes intereses en la elección de actores y factores silenciados en este proceso de noticias. Además de los aspectos cuantificables, el análisis tomó como referencia el concepto ampliado de salud, la acción del Sistema Único del Salud (SUS) y la relación de los

determinantes sociales de la salud con las enfermedades olvidadas.

Palabras clave: Enfermedades Desatendidas; Comunicación en Salud; Medios de Comunicación de Masas; Esquistosomiasis.

INTRODUÇÃO

As doenças negligenciadas consistem em um grupo de enfermidades que, por suas características e formas de evolução, atinge populações pobres e geralmente periféricas, associadas a um comportamento de descaso tanto por parte de agentes públicos quanto de entidades privadas, como as indústrias farmacêuticas e instituições de pesquisa. Essa classificação relativamente recente, adotada a partir da década de 1970ⁱ¹, tem sido utilizada para se referir a um conjunto de doenças causadas por agentes infecciosos e parasitários (vírus, bactérias, protozoários e helmintos), que são endêmicas em população de baixa renda vivendo, principalmente, em países em desenvolvimento³ e estando diretamente relacionada a condições de pobreza do ponto de vista dos aspectos sociais. Diante desse cenário, o Estado é convocado a agir para dirimir as consequências desse negligenciamento por meio de atividades de atenção básica, geração de conhecimento científico, inovação e formulação de políticas públicas, entre outras iniciativas governamentais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de um bilhão de pessoas que vivem em condições de pobreza são afetadas por essas doenças periféricas. A renda diária dessa população, em média, seria inferior a dois dólares³, fator que contribui para o crescimento da desigualdade social e manutenção do ciclo de subdesenvolvimento comum ao negligenciamento.

Uma dessas doenças negligenciadas com grande prevalência no Brasil, presente em 19ⁱⁱ² das 27 Unidades da Federação, a esquistossomose é caracterizada como uma doença parasitária associada a um verme trematódeo chamado *Schistosoma mansoni*. Trata-se, portanto, de um grande problema de saúde pública no país⁴. Apenas em 2016 e 2017, segundo dados fornecidos pelo Ministério da Saúde⁴, mais de mil pessoas morreram em decorrência da esquistossomose no Brasil, número alarmante para uma doença cujo ciclo depende obrigatoriamente da ausência de saneamento básico. Os maiores índices de mortalidade ocorrem no Nordeste, com ampla liderança do estado de Pernambuco, onde se registraram 331 dos 1.017 óbitos ocasionados pela doença nos dois anos investigados⁴. No novo milênio, de 2000 a 2017, foram registradas 9.231 mortes no Brasil em decorrência da esquistossomose, sendo 3.501 em solo pernambucano, ou seja, 38% do total.

³ ⁱ O termo “países em desenvolvimento” tem embasamento econômico e emerge na metade do século XX (1949), após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se desenvolvem economicamente no modelo capitalista – especialmente por meio da indústria bélica – e passam a financiar países mais pobres e, portanto, menos desenvolvidos, como uma espécie de neocolonização. Esses países economicamente inferiores situam-se historicamente no hemisfério sul do planeta e passariam a ser considerados atrasados em relação às ditas potências financeiras, que ditariam as formulações e aplicações de políticas sociais, sanitárias, ambientais, comerciais, tecnológicas, humanitárias etc.²

ⁱⁱ As áreas endêmicas e focais abrangem os estados de Alagoas[1], Bahia[2], Pernambuco[3], Rio Grande do Norte[4], Paraíba[5], Sergipe[6], Espírito Santo[7] e Minas Gerais[8] (predominantemente no Norte e Nordeste do Estado). No Pará[9], Maranhão[10], Piauí[11], Ceará[12], Rio de Janeiro[13], São Paulo[14], Santa Catarina[15], Paraná[16], Rio Grande do Sul[17], Goiás[18] e no Distrito Federal[19] a transmissão é focal, não atingindo grandes áreas⁴.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – autarquia vinculada ao Ministério da Saúde que atua no ramo da Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (CT&I/S) – opera no fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), contribuindo com a melhoria da qualidade de vida da população⁵. No escopo de suas realizações, a instituição desenvolve atividades em diversas frentes relacionadas às doenças negligenciadas no Brasil, incluindo pesquisa científica, produção e formação. Na dimensão da comunicação em saúde, a instituição atua como um importante enunciador sobre o tema, produzindo conteúdos informativos e sentidos no campo da saúde pública junto à sociedade. Essa dinâmica pode ser exemplificada pela abordagem sobre as doenças negligenciadas em seus canais institucionais e pelo estímulo do agendamento desse tema junto à imprensa.

No âmbito do conceito ampliado de saúde, proposto pela OMS³ – que vai além da simples ausência de doença –, outro papel importante que a Fiocruz se propõe a desempenhar é o de ampliar o debate sobre pautas relevantes na sociedade, democratizando o acesso a informações científicas. Conforme conceitos clássicos, a assessoria de imprensa é uma ferramenta fundamental na mediação e interlocução entre uma organização e seus respectivos públicos por meio dos canais de imprensa⁶. No caso de uma instituição como a Fiocruz, em que toda a sociedade é impactada por sua atuação, são assessorias como essa que promovem o diálogo com a população, efetivando sua missão de ser um agente provedor de cidadania. Afinal, são as matérias veiculadas espontaneamente na mídia que conferem credibilidade à instituição perante a opinião pública⁷. Na Fiocruz, especificamente, além de uma Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), que centraliza a comunicação institucional, estando alinhada à Presidência, as unidades técnico-científicas também possuem assessorias que dialogam com a sociedade por meio dos veículos de mídia. Uma das principais formas de se relacionar com a imprensa, portanto, é por meio do uso de estratégias e ferramentas próprias de assessoria, como a entrevista coletiva de imprensa e envio de *press release*⁸ às redações. O *release* é um documento normalmente produzido já em formato de texto jornalístico que pretende pautar a mídia sobre um tema de interesse do assessorado, podendo ser utilizado diretamente ou como suporte à apuração do jornalista de imprensa⁸.

Com relação à esquistossomose, a assessoria do Instituto Oswaldo Cruz – unidade de pesquisa e ensino da Fiocruz – utilizou-se desses recursos para enunciar avanços na produção de uma vacina, chamada Sm14, contra a doença parasitária. Diversos veículos de imprensa foram convidados para uma entrevista, por meio de envio do *release* e de aviso de pauta às redações na semana da entrevista, agendada para o dia 26 de agosto de 2018, com pesquisadores e autoridades da instituição. Os veículos de imprensa receberam um material com informações adicionais sobre a pauta, o chamado kit de imprensa ou *press kit*⁸. O *release* divulgado, inclusive, tornou-se objeto do presente estudo. Cabe ressaltar ainda que as assessorias de imprensa são compostas por profissionais que atuam como “mediadores dos mediadores”⁹, uma vez que estão em constante contato com outros formadores de opinião – os jornalistas –, tendo a responsabilidade de reportar as realizações e posicionamentos da instituição à qual pertencem. Ou seja, os assessores de imprensa também são comunicadores, comumente jornalistas, tal qual aqueles que trabalham nas redações, e, portanto, conhecem os processos de produção jornalística. Sendo o jornalista da imprensa um mediador

entre um fato noticiado e a sociedade, o assessor que faz a ponte entre uma instituição e esse profissional de mídia acaba atuando como um mediador de outro mediador⁹. Quanto ao trabalho dos assessores, é de conhecimento dos profissionais que nem todo material enviado à imprensa é publicado nos jornais, por conta dos próprios processos de escolha, edição e finalização dos periódicos¹. Contudo, há muito do seu ofício no conjunto de elementos daquilo que é noticiado sobre seu ramo de atuação.

Sabe-se, portanto, que, a partir do momento em que circulam nos meios de comunicação, os temas tradicionalmente silenciados ganham notoriedade e passam a ser apropriados de diversas formas pelos indivíduos em uma sociedade^{8,9,11}. Com exceção da dengue no auge de seus picos endêmicos¹¹, as doenças negligenciadas são invisibilizadas, também, pela mídia, assim como pelos demais atores da indústria da saúde. São agravos que recebem precário ou até mesmo nenhum investimento do ponto de vista da comunicação. Nesse aspecto, o negligenciamento de doenças e de populações afetadas é inseparável, estando ambas diretamente relacionadas. O descaso praticado por governos, indústria e órgãos de saúde afeta a doença e o doente, formando um círculo vicioso que afeta cerca de um sexto da população mais pobre do mundo^{3,12}.

Ao produzir e fazer circular sentidos sobre o tema na imprensa, a assessoria de comunicação de uma instituição pública de CT&I/S, como a Fiocruz, presta um serviço social divulgando suas próprias atividades e contribuindo com a capilarização de suas causas e ações. Cada vez que uma doença negligenciada é pautada na mídia, ela ganha visibilidade, de modo que se promove a oportunidade potencial de geração de atenção e de interesse a tais agravos. Nesse cenário, indaga-se como os sentidos produzidos e circulados sobre as doenças negligenciadas pelas assessorias de imprensa que atuam nas instituições de CT&I/S podem impactar na produção do noticiário sobre o tema nas redações dos veículos de comunicação. O presente estudo objetiva, portanto, avaliar o papel das assessorias de imprensa atuando em instituições de CT&I/S na produção e circulação de sentidos no campo da comunicação e saúde, no que se refere às doenças negligenciadas, adotando como recorte o estudo de caso da vacina para esquistossomose desenvolvida pela Fiocruz, cuja fase de testes clínicos foi anunciada em agosto de 2016.

PERCURSO METODOLÓGICO

A abordagem metodológica desta pesquisa consiste na mensuração e análise criteriosa do grau de impacto e influência que a assessoria de imprensa do órgão de CT&I/S, no caso a Fiocruz, pode exercer sobre a cobertura de doenças negligenciadas pela mídia tradicional, baseada em parâmetros que explicaremos a partir de agora. Trata-se de uma análise, portanto, essencialmente quantitativa, com abordagens qualitativas. O objeto de estudo do presente artigo foi o anúncio de avanços na produção de uma vacina contra a esquistossomose coordenada pela Fiocruz, a Sm14, que teve sua fase de testes clínicos com pacientes divulgada por meio de uma coletiva de imprensa, além de ações complementares da assessoria.

Para a realização da análise, observou-se o tratamento dado pela mídia impressa ao fato em destaque, partindo de uma comparação entre os produtos desenvolvidos pela assessoria de imprensa da instituição para divulgação da nova etapa da vacina com o conteúdo das notícias veiculadas em 14 jornaisⁱⁱⁱ das cinco regiões geográficas do Brasil. Objetivamente, foram destacadas doze características discursivas marcantes no *release* fornecido pela instituição para identificarmos quantas – e quais – delas apareceriam na análise das 15 edições impressas de 14 jornais analisados que repercutiram a pauta em todo o país e com que contextos. O jornal goiano *Diário da Manhã* repercutiu a pauta por dois dias consecutivos e ambas as matérias foram analisadas, daí a diferença entre os 14 jornais e as 15 publicações avaliadas na pesquisa. A partir da tabulação quantitativa dos dados, foram realizadas operações matemáticas com uso de regra de três simples, possibilitando a mensuração do alinhamento entre *release* e matérias em índices percentuais, chamada de coeficiente de alinhamento.

Para que isso fosse possível, primeiramente foi realizada uma pesquisa documental de materiais produzidos pelo Serviço de Jornalismo e Comunicação do Instituto Oswaldo Cruz (Sejor/IOC/Fiocruz)¹³ e das 15 matérias veiculadas em 14 jornais impressos sobre o desenvolvimento da segunda etapa da vacina. A mídia impressa ainda tem forte apelo, presença e representatividade junto à sociedade, pois carrega o atributo da credibilidade e representa mais de 25% dos tipos de mídia em que o fato em estudo foi noticiado¹³. A partir desse material, foram trabalhados elementos da análise de conteúdo sob a perspectiva da produção de sentidos no campo da comunicação e saúde. A pesquisa se concentra basicamente em identificar reflexos gerados pelo *release* nas notícias que circularam junto à sociedade.

No caso específico da vacina para esquistossomose, o Sejor/IOC/Fiocruz produziu um texto jornalístico típico de assessoria, o *press release*, e o anexou ao kit de imprensa fornecido aos jornalistas que cobriram o tema. Conforme informado em relatório produzido pela assessoria responsável, a entrevista coletiva que anunciou a nova etapa de desenvolvimento da vacina ocorreu no dia 26 de agosto de 2016 (sexta-feira), sendo realizada no *campus* da Fiocruz em Manguinhos, no Rio de Janeiro. Essa estratégia foi complementada por entrevistas concedidas via telefone pela pesquisadora responsável pelo estudo. Em todos os casos, foi fornecido o mesmo *release* de imprensa. A divulgação teve repercussão imediata em *sites* de notícias, rádios e telejornais, resultando em 25 matérias publicadas em veículos de internet, 15 impressos, 8 matérias de TV e 5 de rádio¹³. No dia seguinte ao anúncio, a pauta também se fez presente em jornais impressos de circulação nacional e regional. Entende-se que o material produzido pela assessoria de imprensa tenha subsidiado grande parte dos textos produzidos na mídia sobre o tema, hipótese que a pesquisa se propôs a investigar, levando em conta, entretanto, as multifatoriais condições de produção de uma notícia jornalística^{10,14}.

Ao analisar as notícias selecionadas, foram tomados como direcionadores os seguintes

4 ⁱⁱⁱ*Jornal do Commercio* (PE), *O Estado de São Paulo* (SP), *Diário do Amazonas* (AM), *Folha de Londrina* (PR), *Correio Braziliense* (DF), *Folha de Pernambuco* (PE), *A Tribuna* (ES), *Diário da Manhã* (GO), *Diário do Nordeste* (CE), *O Tempo* (MG), *O Povo* (CE), *Folha de S. Paulo* (SP), *Extra* (RJ) e *Correio da Paraíba* (PB)¹³.

questionamentos sobre a produção discursiva: as reportagens tratam a doença como uma das iniciativas prioritárias da OMS, conforme o Ministério da Saúde aborda? Há evidência nos textos que apontem para o negligenciamento em relação à doença e às pessoas, ou seja, a dupla transitividade do verbo negligenciar¹², que consiste no ocultamento da doença (o quê) e das populações afetadas (quem)? Há referências aos sintomas e aspectos de historicidade e etiologia da doença? Alguma espécie de serviço é ofertada ao leitor? Há referências à pobreza? Os determinantes sociais da saúde¹⁵ são mencionados? Há enunciados sobre casualidades biomédicas? Os pacientes têm alguma forma de representação ou são ouvidos pelas reportagens?

Essas foram as principais questões adotadas como base para a análise das notícias publicadas e dos textos produzidos e distribuídos pela assessoria de imprensa institucional. Trata-se, portanto, de uma análise focada nos sentidos produzidos e circulados pela imprensa, ainda que composta por uma metodologia também quantitativa. Durante a entrevista coletiva, os jornalistas foram informados sobre o início dos estudos clínicos da fase II da vacina, realizada em modelo de parceria público-privada (PPP) com a empresa Orygen Biotecnologia S.A. O *release* produzido pela assessoria levantou informações relevantes do ponto de vista institucional, que apontavam alguns dos elementos a serem ressaltados pela Fiocruz junto aos jornalistas. Ou seja, o documento representava a posição oficial da instituição perante a sociedade. Com vistas a parametrizar a análise, a partir da leitura do *release* foram identificadas algumas características-chave no texto produzido pela assessoria condizentes com reflexões e diálogos travados no campo da comunicação e saúde, destacando-se 12 aspectos capazes de guiar o estudo das notícias veiculadas na imprensa, conforme listagem a seguir:

1. Pesquisa na lista de prioridades da OMS;
2. Pobreza como fator determinante e cíclico;
3. Determinantes Sociais de Saúde (DSS): aspectos sociais *versus* biomédicos;
4. Contágio, sintomas, evolução e/ou tratamento;
5. Regiões endêmicas para a doença no Brasil;
6. Demanda do SUS;
7. Voz autorizada da ciência e apagamento do doente;
8. Esquistossomose enquanto doença negligenciada;
9. Cooperação Sul-Sul com países africanos (abordagem de cooperação contra-hegemônica);

10. Ineditismo de vacina parasitária em estudo clínico;
11. Financiamento por PPP;
12. Detalhamento das etapas complementares.

Na sequência, foi acessado o levantamento das 15 notícias veiculadas sobre o tema na mídia impressa brasileira¹³, a fim de que fosse realizado o exercício empírico necessário para subsidiar a análise. De acordo com o relatório produzido e fornecido pelo Sejour/IOC/Fiocruz, nos dois dias seguintes à entrevista coletiva e distribuição do *release* e demais acessórios do kit de imprensa (27 e 28 de agosto de 2016, sábado e domingo), 13 jornais impressos pautaram o tema em suas edições, somando 14 matérias no fim de semana, de modo a promover a circulação do assunto e seu consequente agendamento junto à sociedade. Na semana seguinte à atividade, na edição do dia 3 de setembro de 2016 (sábado), o *Correio da Paraíba*¹⁶ recuperou a pauta, sendo o décimo quarto jornal impresso a repercutir o avanço na pesquisa da vacina contra a esquistossomose a partir das informações fornecidas pela Fiocruz. Com base nesse levantamento, foram analisadas as abordagens de todas as 15 edições impressas publicadas após a divulgação da Fiocruz, independentemente do gênero jornalístico escolhido para abordar o tema – seja por notícias, notas ou entrevistas. Todas as cinco regiões do Brasil foram contempladas, bem como as diferentes situações endêmicas para a doença, analisando-se sempre suas produções discursivas em relação ao *release*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar notícias veiculadas no Brasil sobre a nova fase da vacina para esquistossomose a partir de ações da assessoria de imprensa – em especial do *press release* produzido pela equipe de jornalismo do IOC/Fiocruz –, foi possível distinguir as várias formas de abordagem da doença, negligenciada na mídia sob diferentes contextos. A esquistossomose foi citada e penetrou a agenda dos veículos de comunicação a partir de uma ação institucional da Fiocruz. A pauta repercutiu socialmente em todo o país, resultando em cerca de 50 matérias em veículos de internet, jornais impressos, reportagens de TV e emissoras de rádio nas cinco regiões do Brasil¹³. Essa visibilidade nobre para um tema como a esquistossomose é algo incomum. O Quadro 1 sintetiza de forma comparativa os aspectos quantitativos do que foi observado durante a análise das quinze publicações que noticiaram a pauta em relação aos aspectos presentes no *release* e o que foi reproduzido no processo de edição.

Quadro 1. Presença de aspectos elencados na análise na comparação entre o *release* e as notícias publicadas na mídia impressa em decorrência da entrevista coletiva

(Período abrangido: 27/08/2016 a 03/09/2016)

ASPECTOS/ JORNAIS IMPRESSOS		J01	J02	J03	J04	J05	J06	J07	J08	J09	J10	J11	J12	J13	J14	J15		%
1	Pesquisa na lista de prioridades da OMS	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	7	47
2	Pobreza como fator determinante e cíclico	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	0	1	1	10	67
3	DSS: aspectos sociais <i>versus</i> biomédicos	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	1	9	60
4	Contágio, sintomas, evolução ou tratamento	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	13	87
5	Regiões endêmicas	0	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	1	1	0	8	53
6	Demanda do Sistema Público de Saúde – SUS	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	3	20
7	Voz autorizada da ciência e apagamento do doente	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	1	1	0	1	1	11	73
8	Esquistossomose enquanto doença negligenciada	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0	8	53
9	Cooperação Sul-Sul com países africanos	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	14	93
10	Ineditismo de vacina parasitária em estudo clínico	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1	1	11	73
11	Financiamento por parceria público-privada	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	6	40
12	Detalhamento das etapas complementares	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	14	93
Total/ alinhamento por jornal impresso		7	11	11	10	4	8	3	5	11	2	11	6	6	11	8	114	
%/alinhamento por jornal impresso		58	92	92	83	33	67	25	42	92	17	92	50	50	92	67		63

Legenda: 0 = ausente / 1 = presente

J01 = *Jornal do Comercio* (PE) / J02 = *O Estado de São Paulo* (SP) / J03 = *Diário do Amazonas* (AM) / J04 = *Folha de Londrina* (PR) / J05 = *Correio Braziliense* (DF) / J06 = *Folha de Pernambuco* (PE) / J07 = *A Tribuna* (ES) / J08 = *Diário da Manhã – 27/8* (GO) / J09 = *Diário do Nordeste* (CE) / J10 = *O Tempo* (MG) / J11 = *O Povo* (CE) / J12 = *Folha de S. Paulo* (SP) / J13 = *Extra* (RJ) / J14 = *Diário da Manhã – 28/8* (GO) / J15 = *Correio da Paraíba – 3/9* (PB)

Fonte: Os autores

De um total de 180 possibilidades de alinhamento entre elementos presentes no *release* e veiculados pela imprensa (12 tópicos em 15 jornais), 114 foram identificados, conforme análise (Quadro 1), sendo, portanto, 63% a média do coeficiente de alinhamento entre o documento institucional produzido pela assessoria e os discursos circulantes na imprensa de modo geral. Com relação aos aspectos noticiosos reproduzidos e silenciados pelos veículos analisados, a evolução da doença – causas e fatores –, a menção à parceria com países africanos na etapa de testes clínicos e a pobreza como condição determinante da doença tiveram alto índice de reprodução. O negligenciamento foi evidenciado em pouco mais da metade dos veículos analisados (53% de alinhamento). A discussão ampliada do conceito de saúde, com a abordagem dos fatores determinantes sociais da saúde e da doença, por seu turno, esteve presente em 9 das 15 reportagens (60%). Todavia, destaca-se que o maior silenciamento observado ocorreu na menção ao SUS, realizada em apenas três publicações impressas (20%), todas mediadas por agências de notícias. Jornais do Nordeste, como os dois de Pernambuco e o *Correio da Paraíba*, que convivem com a doença como realidade local, destacaram o tema e foram além do *release* e demais materiais fornecidos pela assessoria de imprensa. Ouviram especialistas locais, trouxeram números e novas informações.

Por outro lado, outros estados endêmicos para a doença no Sudeste – Espírito Santo e Minas Gerais – reduziram suas abordagens a textos curtos e técnicos, priorizando a cientificidade da pauta em detrimento dos aspectos sociais, como identificado em *A Tribuna*¹⁷ e *O Tempo*¹⁸, respectivamente. *A Folha de Pernambuco*¹⁹ foi o único entre os veículos analisados que trouxe o paciente e deu-lhe voz como personagem da matéria. De forma indireta, com números de pessoas contaminadas e tratadas no estado nos últimos anos, o *Jornal do Commercio*²⁰ também se referiu aos indivíduos, descontinuando um pouco a fala hegemônica e autorizada das vozes do saber científico, valorizadas nas notícias da grande maioria dos demais impressos analisados.

No geral, essa sensação de pertencimento em regiões endêmicas mostrou-se um fator relevante. Ouvir o que um especialista – seja o médico ou um pesquisador – tem a dizer é importante, pois o seu conhecimento técnico deve ser considerado. Entretanto, o testemunho de quem convive com a doença, de quem sofre com as condições de falta de estrutura e as constantes reinfecções também faz muito sentido em um modelo comunicacional no qual todos os atores envolvidos no processo possam contribuir. Trata-se de uma estratégia para gerar empatia, tanto com o leitor que convive com as mesmas dificuldades relatadas como naqueles que vivem outra realidade social, mas podem compreender melhor essas mazelas, acrescentando elementos novos às narrativas jornalísticas.

O chamado direito de fala autorizada²¹, que consiste em uma narrativa ou produção discursiva socialmente validada, como a consulta a *experts* ou especialistas em assuntos específicos, e aspectos relacionados ao desenvolvimento da doença – como sintomas, evolução e tratamento – estiveram presentes em 11 jornais, dentre os 15 avaliados, apresentando índice de reprodução superior a 70%, indo ao encontro do modelo de valorização de causalidades biomédicas das doenças. Entretanto, há de se destacar que a notícia só foi inserida na editoria de saúde em dois jornais analisados, o

Diário da Manhã (GO)²² e a *Folha de São Paulo* (SP)²³, que a alocou na editoria Saúde + Ciência. Um dado curioso e que também pode ser refletido à luz do campo da comunicação e saúde²¹ é que, afinal, ainda que a esquistossomose seja uma doença – e negligenciada –, os aspectos científicos da pesquisa em curso ou de determinações sociais que a ocasionam ganharam mais destaque, pois, quando as notícias não ocuparam as seções de ciência e tecnologia ou geral dos jornais, foram veiculadas nas editorias de cidade ou país.

Ainda no que tange aos aspectos reforçados pelo *release* e assimilados pelas redações, chama a atenção, também, a relação entre esquistossomose e pobreza, presente em 10 dos 15 jornais, ausente em *O Tempo* (MG), *A Tribuna* (ES), *Folha de São Paulo* (SP), *Extra* (RJ)²⁴ e na primeira edição analisada do *Diário da Manhã* (GO)²⁵, de 27 de agosto. Como mencionado anteriormente, a referência direta ao SUS mostrou ser uma importante omissão no noticiário impresso. Apesar de a citação feita pelo material da assessoria sobre a pesquisa atender a demandas do sistema público de saúde, apenas um quinto dos veículos mencionaram diretamente este aspecto: a *Folha de Londrina* (PR)²⁶, *O Povo* (CE)²⁷ e a segunda edição do *Diário da Manhã* (GO)²², com o atenuante de que os três jornais noticiaram a pauta a partir de material de agências de notícias^{22,26,27}, outro ator relevante na produção jornalística. De toda forma, o fato é que a esquistossomose foi tratada como um problema de saúde pública pelos jornais. As condições estruturais para a perpetuação da doença foram abordadas e, para além de veículos que simplesmente se ativeram a informações sucintas sobre os estudos relacionados à vacina, houve em maior número aqueles que “abraçaram a pauta” e seguiram as pistas do *press release*, ampliando as discussões e, por consequência, gerando novos espaços para debates sobre doenças e populações negligenciadas.

Tendo em vista o objetivo principal deste estudo, nota-se a ocorrência de influência da assessoria de imprensa analisada ao abordar e fazer circularem narrativas sobre fatores socioeconômicos e político-ambientais que impactam na ocorrência e prevalência de doenças. Como já debatido, no caso das negligenciadas, além dos agentes transmissores, uma condição a ser enfrentada é a superação da desigualdade, da falta de infraestrutura sanitária e a erradicação da pobreza. As reflexões foram ampliadas. Na maioria dos casos, discutiu-se a causa sob a perspectiva de promoção da saúde e prevenção de doenças, e não apenas a abordagem sobre a vacina em si, que naturalmente seria o foco principal da notícia em uma perspectiva hegemônica do jornalismo, centrada nos valores-notícia²⁸.

Percebe-se, portanto, uma aproximação entre os conteúdos produzidos pela instituição e os veiculados pela mídia. Deu-se luz e falou-se abertamente sobre o negligenciamento que cerca a pauta da esquistossomose. O aspecto biomédico naturalmente apareceu; contudo, por influência do material de apoio e pela própria característica institucional da Fiocruz, na maioria dos casos os determinantes sociais da saúde também foram mencionados. A referência a pacientes ainda é um tabu, com pouquíssima incidência no levantamento realizado; porém, é relevante destacar que houve essa inclusão dos sujeitos como fonte justamente em um lugar de prevalência da doença: no caso, o estado de Pernambuco, que em 2016 – ano da análise – notificou mais de quinhentas

mortes em razão da doença negligenciada⁴. Não por acaso, o estado teve cobertura por dois jornais impressos: *Jornal do Commercio* e *Folha de Pernambuco*. Além de noticiar a pauta na capa, o *Jornal do Commercio* fez menção aos fatores sociais que desencadeiam a doença e criticou a centralização na terapêutica da medicalização em detrimento das medidas sanitárias necessárias para rompimento no ciclo de reinfecções²⁰. O impresso, veiculado no dia 27 de agosto de 2016, menciona o fato de Pernambuco ser, naquele momento, o estado com maior número de casos, óbitos e internações hospitalares para a esquistossomose e atribui o fato justamente ao negligenciamento dos fatores socioeconômicos que imperam na manutenção da doença.

Embora a notícia publicada não tenha se baseado integralmente no texto da assessoria, a linguagem da matéria ficou alinhada à fala institucional da Fiocruz no que se refere à correlação da doença a fatores sociais. Ainda no estado brasileiro mais letal para a esquistossomose no século XXI⁴, a *Folha de Pernambuco* foi outro jornal impresso a noticiar os avanços na vacina em sua edição de sábado (27 de agosto de 2016), dia posterior à coletiva de imprensa. A abordagem do tema foi bem distinta daquelas observadas nos veículos de áreas não endêmicas ou sem notificação recente da doença. Com o título *Schistosoma: saneamento é a saída*¹⁹, a notícia ocupa uma página inteira do caderno da seção cotidiano, juntamente com notícias locais, demarcando ainda mais o reconhecimento do problema como uma realidade geográfica.

Ainda que tenha se baseado também em informações oficiais fornecidas pela assessoria de imprensa da Fiocruz, a *Folha de Pernambuco*, assim como o *Jornal do Commercio*, aprofundou sua abordagem e acrescentou conteúdo específico de quem convive com a moléstia. A mesma característica foi observada dias depois (3 de setembro de 2016), em outro jornal da região Nordeste, o *Correio da Paraíba*, que trouxe números, abordagens e especialistas próprios como pano de fundo para a discussão mais ampla da pesquisa sobre a vacina. A matéria do jornal pernambucano é mais incisiva na cobrança por melhores condições e infraestrutura ao demarcar o papel fundamental dos determinantes sociais da saúde e chega a mencionar o aspecto de perpetuação circular entre esquistossomose e pobreza. A publicação ainda relativiza a importância da vacina em prol da adequação de saneamento básico e infraestrutura, como a implantação de redes de tratamento de água e esgoto e fornecimento de água potável em todo o país. “Mais importante que a vacina é investir em saneamento básico, já que a doença ganha força em locais sem acesso a água potável e esgotamento sanitário.”¹⁹

No Rio de Janeiro, estado que sedia o *campus* principal da Fiocruz e não é endêmico para a doença, ainda que registre algumas ocorrências, a notícia foi pautada apenas pelo jornal *Extra*, do grupo O Globo, em meio impresso. Por meio de uma nota na coluna Bem-Viver, o periódico fluminense veiculado em 27 de agosto de 2016 não aborda a negligência nem os fatores sociais da doença, concentrando-se nos aspectos técnicos sobre o desenvolvimento da vacina e enfatizando as regiões endêmicas no Brasil, bem como questões políticas que a envolvem, como financiamento e a priorização por parte da OMS. Assemelha-se, portanto, às coberturas dos vizinhos do Sudeste: Espírito Santo e Minas Gerais.

A região Centro-Oeste teve o único jornal que deu sequência à pauta – *O Diário da Manhã*, de Goiás, que noticiou a vacina em duas edições. Na primeira, durante o sábado (27 de agosto)²⁵, com uma abordagem mais sucinta, identificamos um alinhamento de 42% em relação ao *release*. Já na reportagem de domingo²², mais completa, onze dos doze aspectos do *release* foram identificados, totalizando 92% de correlação. Além dele, o *Correio Braziliense*²⁹ (DF) publicou uma nota objetiva em sua edição de sábado (27 de agosto), com poucos elementos e apenas 33% de alinhamento com o *release*. As regiões Norte e Sul tiveram apenas uma publicação cada, ambas produzidas por agências e com alta similaridade com o discurso institucional: o *Diário do Amazonas*³⁰ (92%) e a *Folha de Londrina*²⁶ (83%).

Aprofundando um pouco mais a análise, observou-se também que, apesar de ser um estado com regiões endêmicas para a esquistossomose, Minas Gerais repercutiu pouco a notícia sugerida pela Fiocruz em seus veículos de imprensa, tendo apenas a publicação de uma nota curta na edição de sábado (27) do jornal *O Tempo*, que contemplou apenas duas das doze abordagens destacadas do *release*, resultando no mais baixo coeficiente de alinhamento com o material da assessoria de imprensa dentre os quinze jornais analisados (17%). Com vistas a auxiliar a compreensão do fato e promover novas reflexões acerca dessa dissonância observada, propõe-se trazer à luz conceitos já discutidos academicamente no campo da comunicação e saúde, como o de doenças midiaticamente negligenciadas³¹ e ausência do valor-saúde³² na abordagem da imprensa mineira.

Doenças midiaticamente negligenciadas são aquelas que possuem demanda social relevante em determinada região, mas que não recebem o mesmo tratamento por parte da imprensa local, que considera critérios estritamente jornalísticos para definir sua pauta, com base nos atributos do valor-notícia²⁸. Com relação às notícias de saúde, entretanto, sugere-se a adoção de critérios sociopolíticos em vez de meramente técnicos, o valor-saúde, conceito fundamentado em critérios epidemiológicos reveladores de relevância, que dialogam com critérios de valores midiáticos na identificação de doenças que deveriam ter prioridade na imprensa³¹. A matriz metodológica da construção do valor-saúde é obtida a partir das seguintes classificações epidemiológicas em determinada região: principais causas de mortalidade; principais doenças de notificação compulsória; principais causas de internações pelo SUS; e prioridades políticas do governo³². Assim sendo, a endemicidade da esquistossomose em Minas Gerais sinaliza um alto valor-saúde^{31,32} para a midiaticização da temática nesse território. Entretanto, a pouca visibilidade da doença nos periódicos mineiros aponta para uma negligência midiática que deveria ser avaliada pelos produtores noticiosos e por toda a sociedade.

Como instituição de saúde pública, a Fiocruz tem um papel fundamental na promoção e regulação de políticas públicas no campo da saúde, fomentando discussões como a dos determinantes sociais da saúde¹⁵. E foi exatamente esse o viés adotado pela assessoria de uma de suas unidades de pesquisa, que refletiu em praticamente todas as notícias relacionadas à produção da vacina Sm14. Em quase 70% das matérias impressas, o fator pobreza foi destacado como condição determinante para a esquistossomose. Usualmente, os veículos tomaram o *release* como base, em especial aqueles de regiões que não são endêmicas para a esquistossomose. Valendo-se exclusivamente dos

critérios jornalísticos de valores-notícia, uma pauta dessa natureza provavelmente teria enfoque praticamente único no aspecto técnico-científico, com informações sobre a vacina e destaque nas especificações biomédicas da doença, por força do modelo hegemônico que predomina no campo da saúde. Contudo, praticamente todos os veículos ressaltaram a importância do saneamento para o fim do ciclo da esquistossomose, ainda que alguns tenham valorizado a iniciativa de produção da primeira vacina parasitária do mundo para tratar as populações contaminadas.

Nota-se também que, na maioria das abordagens, apenas as falas autorizadas dos especialistas tiveram vez. No geral, a voz dos indivíduos acometidos pela doença também é negligenciada, originando a chamada dupla transitividade do verbo negligenciar¹². Seria possivelmente esse o próximo aspecto sobre o qual as assessorias de instituições que atuam na interface entre comunicação e saúde poderiam atentar ao investirem na persuasão da grande mídia: a visibilidade dos afetados, uma vez que essa característica também foi apagada no próprio *release*. Percebe-se que o SUS, mencionado explicitamente em apenas três das quinze publicações, tem em seus princípios a valorização de democracia e redução das desigualdades³³. Soma-se a isso o fato de que o campo em que se realiza essa pesquisa atua diretamente para potencializar as características de ampliação de acesso, esclarecimento e orientação do usuário e cidadão, colocando-se ao seu lado, não como porta-voz, mas como microfone, que não fala por ele, mas, sim, reverbera e amplifica sua voz³⁴. Na contramão dessas boas práticas, tal invisibilidade das experiências positivas do SUS nos veículos de comunicação já foi evidenciada por outros autores^{35,36}, com os quais se dialoga também acerca de impressões sobre o imperativo de uma lógica de mercado no apagamento e na desqualificação sistemática do SUS promovidos pelos meios de imprensa tradicionais³⁵, uma vez que o mercado da saúde movimenta fortemente a economia de países industrializados, com crescimento, inclusive, desproporcional em relação à evolução de seu produto interno bruto (PIB)³⁷.

Quanto à invisibilidade do SUS, identificada na análise, sugere-se como hipótese para novas investigações que essa ocultação possa atender a interesses mercadológicos e até mesmo políticos, o que requer estudos específicos relacionados a atores e processos de produção do noticiário de política, economia e de saúde, com vistas a confirmar ou refutar a suspeita.

Destaca-se ainda que, para a democratização do acesso a informações e serviços de saúde ocorrer de fato, as assessorias de imprensa de órgãos públicos de CT&I/S podem ser importantes aliados ao pautarem e direcionarem a mídia conforme interesses coletivos e sociais. Afinal, demonstrou-se ser viável a veiculação de temas e abordagens de relevância social na mídia, utilizando-se mecanismos e dispositivos do próprio campo da comunicação. As instituições só precisam atentar para esse potencial e investir politicamente em tais práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma média geral de 63% de coeficiente de alinhamento, a análise exploratória realizada permite apontar que as assessorias de imprensa podem, em alguma medida, contribuir no processo

de agendamento e, também, no direcionamento do tratamento de determinadas pautas junto à sociedade por meio da produção midiática. No caso analisado, das quinze notícias veiculadas em meio impresso, onze tiveram um alinhamento igual ou superior a 50% em relação aos elementos destacados no *release*. Cabe lembrar que as doenças negligenciadas recebem tal denominação devido, entre outros fatores, à baixa visibilidade com que são tratadas por parte de vários setores da sociedade, incluindo a mídia. Isso ocorre, em parte, porque essas doenças atingem populações pobres, sendo essa condição social, simultaneamente, causa e consequência de agravos como a esquistossomose, tema deste artigo. Sabe-se, ainda, que essa doença parasitária tem como principal condição para se desenvolver a falta de saneamento básico, como rede de tratamento de esgotos. Entende-se ser imprescindível a visibilidade midiática das doenças negligenciadas junto à sociedade como parte das ações estratégicas que visem à sua eliminação, estimulando o acompanhamento e a cobrança por parte da população às autoridades.

Por fim, entende-se que as assessorias de imprensa de instituições de CT&I/S podem desempenhar um importante papel articulador no campo da comunicação e saúde, sendo mais estratégicas do que meramente instrumentais, funcionando como “lançadores de alerta” das doenças negligenciadas na mídia, conforme conceito trabalhado pela pesquisadora francesa Hélène Romeyer³⁸, e atendendo, assim, além dos interesses institucionais, às demandas sociais. Essa fórmula pode alçar uma assessoria de imprensa à condição de importante interlocutor na relação do campo da comunicação e saúde com a chamada grande mídia, ampliando, por consequência, seu diálogo com a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Souza W. (Org) Doenças negligenciadas. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2010.
2. Esteva G.; SACHS, W. The development dictionary: A guide to knowledge as power, 2010.
3. OMS – Organização Mundial da Saúde. Working to overcome the global impact of neglected diseases: First WHO report on neglected tropical diseases. Genebra: OMS, 2010.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. *Website* do MS, disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/esquistossomose>>. Acesso em out./2019.
5. Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz. Carta de Serviços. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.
6. KUNSCH MMK. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. São Paulo: Summus, 2003.

7. Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz. Manual de assessoria de imprensa da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
8. Duarte J. (Org.) Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
9. Clébicar T, Lerner K. Assessores de imprensa na saúde: os mediadores dos mediadores. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 39, São Paulo. Anais.. São Paulo, Intercom, 2016.
10. Pena F. Teoria do jornalismo. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
11. Aguiar RC. Fazer o bem sem olhar a quem? Visibilidades e invisibilidades discursivas sobre a doação de medicamentos para doenças negligenciadas. 2016. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
12. Araújo IS, Moreira ADL, Aguiar RC. Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, n. 6, 2013. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/9660>>.
13. Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz. Relatório de mídia. Coletiva de Imprensa: anúncio do início da Fase II da vacina brasileira para esquistossomose. Rio de Janeiro, ago. 2016.
14. Lage N. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
15. Buss PM, Pellegrini Filho A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis*, n. 17, p. 77-93, 2007.
16. Martins A. O fim da barriga d'água. *Correio da Paraíba*. 3 ago. 2016.
17. Fiocruz testa vacina contra esquistossomose. *A Tribuna*, 27 ago. 2016.
18. Vacina contra esquistossomose. *O Tempo*, 27 ago. 2016.
19. Coutinho R. Schistosoma: saneamento é a saída. *Folha de Pernambuco*, 27 ago. 2016.
20. Leite C. Para barrar a esquistossomose. *Jornal do Commercio*, 27 ago. 2016.
21. Araújo IS, Cardoso JM. *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
22. Vacina contra esquistossomose chega ao SUS. *Diário da Manhã*, 28 ago. 2016.

23. Fiocruz testa vacina para esquistossomose. Folha de São Paulo, 27 ago. 2016.
24. Vacina de esquistossomose inicia fase final de testes. Extra, 27 ago. 2016.
25. Vacina contra esquistossomose feita no Brasil terá teste decisivo. Diário da Manhã, 27 ago. 2016.
26. Villela F. Agência Brasil. Vacina contra a esquistossomose no SUS em 3 anos. Folha de Londrina, 27 ago. 2016.
27. SUS terá vacina contra a esquistossomose em 2020. O Povo, 27 ago. 2016.
28. Wolf M. Teorias da comunicação. Lisboa: Editora Presença, 1999.
29. Vacina contra a esquistossomose. Correio Braziliense, 27 ago. 2016.
30. Fiocruz começará a testar primeira vacina contra a esquistossomose no mundo. Diário do Amazonas, 28 ago. 2016.
31. Cavaca AG. Doenças midiaticamente negligenciadas: cobertura e invisibilidade de temas sobre saúde na mídia impressa. 2015. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.
32. Cavaca AG, Vasconcellos-Silva PR. Doenças midiaticamente negligenciadas: uma aproximação teórica. Interface, n. 19, p. 83-94, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0205>>.
33. Paim JS. O que é o SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
34. Tiburtino GQT. Produção e circulação de notícias sobre doenças negligenciadas sob o agendamento da assessoria de imprensa de uma instituição pública de ciência, tecnologia e inovação em saúde: a vacina para esquistossomose na mídia impressa. 2017. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.
35. Machado IB. Percepções sobre o SUS: o que a mídia mostra e o revelado em pesquisa. In: LERNER K., SACRAMENTO, I. Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2014. p. 235-250.
36. De Lavor A. “Cegueira seletiva” enxerga produtos e esconde necessidades. Radis, abr. 2011, p.23. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis104_web.pdf>.

37. Vianna CMM. Estruturas do Sistema de Saúde: do complexo médico-industrial ao médico-financeiro. *Physis*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 75-390, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v12n2/a10v12n2.pdf>>.
38. Romeyer H, Moktefi A. Pour une approche interdisciplinaire de la prévention. *Revue Communication et Langages*, n. 176, p. 33-47, 2013.

Artigo submetido em outubro de 2019

Artigo aprovado em maio de 2020

Artigo publicado em abril de 2021